

A RECEPÇÃO DOS ROMANCES DE JOSÉ SARAMAGO EM PORTUGAL E NO BRASIL

Lílian Lopondo
Universidade de São Paulo
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Foi a partir da publicação de *A Jangada de Pedra*, em 1986, que teve início uma verdadeira cruzada da crítica literária no sentido de rever a sua avaliação frente à obra de Saramago. Afinal, o autor de *Memorial do Convento* parecia não ter logrado manter, em suas publicações posteriores a este romance, o mesmo patamar de qualidade que aqui se faz presente. Desde então, o Escritor vem sendo acusado de proselitismo; suas obras, repetitivas segundo alguns, consideradas instrumentos a serviço de uma ideologia em busca da adesão do leitor incauto. Somem-se a isso as suas declarações à imprensa e em *Cadernos de Lanzarote* a respeito da tarefa do Autor perante a sociedade e parece não haver argumentos para contradizer essa orientação crítica:

O que costumamos chamar ‘compromisso do escritor’ não deveria ser determinado simplesmente pelo caráter mais ou menos ‘social’ ou ‘socializante’ da tendência, do grupo ou da escola literária em que se inscreveu ou em que o meteram. O compromisso não é do escritor como tal, mas do cidadão. *Se o cidadão é escritor, acrescentar-se-á à sua cidadania pessoal uma responsabilidade pública.* Não vejo onde poderão ir buscar-se argumentos para eludir essa responsabilidade. (Saramago, 1996:75. Grifo meu.)

Daí para que sua obra fosse considerada panfletária foi um passo. Dividiram-se as opiniões e, ao lado daqueles que vêem em Saramago um escritor que se vale de suas obras como

arma de combate social e de partidarismo político-ideológico, caminham os que enaltecem a sua produção, elevando os encômios às alturas. Dentre os primeiros, destaca-se Álvaro Cardoso Gomes, que não tem poupado severas censuras à obra do romancista e que assim se exprime em seu *A Voz Itinerante*:

Ora, dessa perspectiva, o romance */A Jangada de Pedra/ não passa de uma alegoria política*, na medida em que é possível extrair dele uma tese. / ... /

Se *A Jangada de Pedra* defende uma tese terceiro-mundista, o exercício passadista, que é *História do Cerco de Lisboa*, envereda decididamente pelo nacionalismo populista. (Gomes, 1993:41-42. Grifo meu.)

Contrapõe-se a ele Beatriz Berrini, que considera Saramago um dos maiores ficcionistas do século XX e seus textos componentes fundamentais para a formação do homem:

Nele / no estudo dos romances / procurei examinar alguns aspectos da criação romanesca de Saramago. Não se trata de uma análise exaustiva e completa. Revela, entretanto, *o intenso prazer e a admiração do leitor por uma obra que fala dos homens de ontem e de hoje e, contudo, apresenta-se matizada de esperança, uma esperança que veio reforçar nossa crença no ser humano, na vida.* (Berrini, 1998: 223. Grifo meu.)

Há que observar , ainda, o fato de que estudiosos da sua obra, e, principalmente a imprensa, mostram, freqüentemente, o pendor a considerar a palavra de Saramago como a última palavra, não só a respeito de sua própria produção ficcional como também acerca de

acontecimentos muitas vezes desligados dela ou vinculados a ela apenas indiretamente, ou seja, as reflexões a respeito de Portugal diante do mercado comum europeu; da música; das lutas religiosas no Oriente Médio; da pintura; dos movimentos dos sem-terra; de pratos típicos de uma determinada região; de pessoas com as quais entra em contacto; de cães; e por aí vai, numa super-exposição que exige dele opiniões definitivas e incontestáveis.

Ora, ao agir desse modo, passa-se a imputar a Saramago um papel que ele nunca se dispôs a representar, o de único crítico literário credenciado a examinar a própria produção e, por extensão, o mundo que o rodeia. Contrariamente a isso, o Escritor se mostra, na maior parte do tempo, permeável às diferenças, pronto a redirecionar conceitos – como um dos possíveis leitores seus – incapaz, portanto, de esgotar as possibilidades analíticas e interpretativas dos romances, seja em função do viés adotado seja por lacunas no domínio do material que se lhe apresenta ante os olhos:

Hoje foi a minha vez de confessar em público a ignorância que, apesar das ajudas ontem recebidas, não havia ficado dissipada. Para ser exato, duas ignorâncias. A Segunda reportava-se ao tema da mesa redonda em que me fizeram entrar: ‘Ficção: processos e modelos na narrativa’. Declarei com franqueza que não sabia em que consistiria isso que se designava por ‘ modelo na narrativa’, e que, se tal coisa existisse, certamente não a utilizaria. Augusto Abelaira, que comigo esteve na mesa-redonda, abundou em idêntica opinião, e assim gastamos o tempo, ele e eu, até ao seu remate natural, isto é, quando achamos que estavam esgotadas todas as maneiras de dizer que não sabíamos o que ali se tinha querido que explicássemos. (Saramago, id., 75)

Em crônica intitulada *Os seis pecados de Saramago*, José Leon Machado explica porque, a despeito de haver sido premiado com o Nobel de Literatura, o Escritor ainda é pouco reconhecido em Portugal. O motivo reside em seis pecados mortais (*sic*) por ele cometidos: a vaidade (“ Vejam-se os volumes do diário, um verdadeiro manifesto narcisista que faz morder-se de inveja qualquer pobre escriba que o leia e que tenha pretensões a um dia vir a ser falado fora do país.” (Machado, 1998:1)); a opção sócio-política pelo comunismo; o ateísmo:

Deus para ele é uma criação da imaginação do homem. Perguntar-se-á quem criou a imaginação. Para isso ele não tem resposta. Veja-se o vergonhoso e blasfemo livro que parodia os santos Evangelhos e que, só por o ter pensado, sem mesmo escrevê-lo mereceria, senão a fogueira cá, que se não usa por ser coisa do passado, pelo menos a fogueira no outro mundo (Machado, id.: 1)

a traição, por ter abandonado Lisboa, onde viveu tanto tempo, para deslocar-se para Lanzarote, nas Canárias, após a censura de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* pelo Ministro da Cultura; o enriquecimento por meio da literatura:

O Saramago enriqueceu à custa dos ingênuos que lhe comprem os livros. Uns, poucos, porque aquilo que escreve é intragável, lêem-no como quem lê os sagrados textos. Até fazem, diz-se umas missas demoníacas onde se lêem passagens do tal blasfemo livro. (Machado, id.: 1)

e ainda, pasme-se, o fato de que não sabe escrever: “ Anda a gente à procura de um ponto final e encontra uma vírgula, e quando a encontra, que muitas vezes o que encontra é um verbo fora do sítio que nem consta do dicionário.” (Machado, id.: 2)

A conclusão a que chega o crônista causa ainda mais espanto. Segundo ele,

Acontece que José Saramago é o escritor português, vivo ou morto, mais traduzido e mais lido fora do país. Poderá pôr-se a questão de ser ele ou não o *melhor* escritor português. Aí as opiniões divergem e cada um tem os seus gostos. O fato indiscutível é este; José Saramago é o escritor português mais conhecido no estrangeiro e só ele, presentemente, poderia ter ganho o Prêmio Nobel de Literatura. Convençam-se os Portugueses e deixem-se de preconceitos religiosos e partidários e de invejas mesquinhas. (Machado, id.: 2)

Nesse caso, a crítica cometeu, ela mesma, dois pecados mortais: o primeiro, ao recomendar a leitura do Escritor simplesmente baseado em que ele é português, ganhador do prêmio Nobel, o que já se torna, por si só, motivo bastante para a leitura: o segundo, e mais comum, mistura características da pessoa de Saramago à obra, como se fossem ambos uma mesma e só coisa.

Importa salientar que as referências aos romances de Saramago são abundantes não só em jornais diários de Portugal e do Brasil -- o que, devido à pressa própria desse meio de comunicação, justifica as leituras superficiais de deles se tem feito -- mas também em periódicos especializados no estudo de literatura e, mais recentemente, em estudos que demandam maior fôlego analítico. Estes últimos, felizmente, trazem para primeiro plano a obra em si, consideram-na enquanto material ficcional digno de atenção e não como documento mais ou menos fiel a

posições adotadas pelo Escritor frente à literatura e/ou a problemas do cotidiano. Destacam-se, entre eles, o exame do romance *História do Cerco de Lisboa*, realizado por José Francisco Rodrigues de Carvalho, denominado “Herculano, Saramago e a história do cerco de Lisboa”; a leitura percuciente de Marlise Vaz Bridi em “O evangelho de Saramago: a paixão de Cristo em perspectiva” e “*Ensaio sobre a Cegueira*, de Bruegel a Seurat”, de autoria de Raquel de Sousa Ribeiro. (Lopondo, 1998: 77 e segs.)

Toma outro rumo, então, a crítica saramaguiana, muito embora as tendências anteriormente mencionadas ainda prevaleçam sempre que vem à luz uma nova obra do romancista. Isso se deve, também, à frequência com que o Autor age como personagem de si mesmo, escritor emburrado e irônico, que não autoriza a ingenuidade ou o otimismo de seu interlocutor. Deve-se lembrar, com respeito a isso, da célebre discussão entre ele e Ferreira Gullar no VI Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, realizada no Rio de Janeiro, em 2000, no que toca ao pessimismo e ao otimismo frente à sociedade globalizada, em que o poeta brasileiro rebate a acidez do romancista português alertando para que “Até o cão de Pavlov conseguiu descondicionar.se”. Ao que Saramago respondeu: “O cão de Pavlov não assistia, pela televisão, às atrocidades que se cometem com os seres humanos.”

A partir de então, concluiu-se que a obra de Saramago é pessimista. Ledo engano. O processo de desenvolvimento dos romances é, sim, eivado de um pessimismo que, na maioria das vezes, aponta para o otimismo que sublinha a conclusão dos livros. Tomem-se como exemplos o capítulo final de *A Jangada de Pedra*, de *História do Cerco de Lisboa*, de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e de *Ensaio sobre a Cegueira*, em que se sobressai a crença na força do homem. Ressalte-se, aqui, como nos demais romances pós *Memorial do Convento*, que o proselitismo que, sem dúvida, é um dos seus traços principais, é colocado em xeque por preocupações ontológicas que, em lugar de circunscrevê-los a um determinado período da

história de Portugal, ampliam seu alcance às alturas de um dos problemas cruciais que envolvem a humanidade: quem sou eu?

Concluindo, é preciso lembrar que a obra de Saramago ultrapassa, e muito, qualquer reflexão presente em entrevistas, em escritos para o jornal ou em diários, como é o caso de *Cadernos de Lanzarote*. Não são raras as vezes em que os romances colocam em causa as próprias opiniões do Autor, manifestadas fora deles. Cautela, pois. Saramago, o homem, e sua obra, são coisas distintas. O contacto com ambos não é para principiantes.

BIBLIOGRAFIA

BERRINI, Beatriz (1998). *Ler Saramago: o romance*. Lisboa: Caminho.

GOMES, Álvaro Cardoso. (1993) *A Voz Itinerante*. São Paulo: EDUSP.

LOPONDO, Lílían (1998) (org.). *Saramago segundo Terceiros*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

MACHADO, José Leon (1998). “Os seis pecados de Saramago”.

<http://www.ipn.pt/opsis/litera/letras/machad12.htm>. Consultado em 22/07/02.

SARAMAGO, José (1996). *Cadernos de Lanzarote*. Lisboa: Caminho, vol. III.

